

Complexidade e Pesquisa Qualitativa: aproximações

Profa. Dra. Elisabete Matallo Marchesini de Pádua¹

“O que a *scienza nuova* propõe, e cujas conseqüências serão incalculáveis, é simplesmente isso: o objeto não deve somente ser adequado à ciência, a ciência deve igualmente ser adequada ao seu objeto”.

Edgar Morin, 2008, 78.

A frase em epígrafe, que no original remonta aos anos 1990, ilustra uma dimensão que tem sido uma das preocupações de Edgar Morin ao longo de seus estudos sobre o Paradigma de Complexidade: a configuração de uma transição paradigmática na Ciência, que o autor denominou de ‘*scienza nuova*’ e a proposta de um novo olhar, inter e transdisciplinar, para a realidade que queremos compreender.

No entanto, uma transição paradigmática dessa magnitude, não ocorre “de um dia para o outro”, “*pois depende de longo processo de compartilhamento e compreensão de novos conceitos que desafiam a comunidade científica*” (Pádua, 2014, 36) e na expressão de Morin

“nada é mais difícil do que modificar o conceito angular, a ideia maciça e elementar que suporta toda a estrutura do sistema de pensamento que se encontra perturbada, transformada; é toda uma enorme superestrutura de ideias que se desmorona. Eis para o que é preciso estar preparado” (2008, 82).

Neste artigo, problematizamos duas questões que estão presentes no cotidiano da

prática pedagógica, em especial no âmbito da pesquisa qualitativa, nos espaços da graduação e da pós-graduação:

- 1) Em tempos de transição paradigmática na Ciência, quais dimensões da mudança seria importante destacar?
- 2) Como essa transição paradigmática nos afeta, ou seja, como interfere, direta ou indiretamente, nos processos de pesquisa qualitativa que desenvolvemos e/ou orientamos no nosso cotidiano?

Buscando respostas a essas questões, organizamos nossa reflexão em três momentos: 1) apresentação de uma síntese das principais características que configuram a transição paradigmática apontada por Morin; 2) uma síntese dos principais elementos da pesquisa qualitativa e suas possíveis articulações com o Paradigma da Complexidade e, finalmente, 3) alguns aportes metodológicos que podem nos auxiliar no âmbito das estratégias e dos procedimentos necessários à prática da pesquisa.

¹ Doutora em Filosofia e História da Educação, Assessora Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação da PUC-Campinas.

1. Transição paradigmática: da visão da Ciência tradicional à visão da Ciência contemporânea

Utilizamos aqui a denominação de Paradigma da Simplificação e Paradigma da Complexidade, terminologia empregada por Morin quando se refere à Ciência tradicional e à Ciência contemporânea, para destacar da Ciência algumas características teórico-metodológicas da transição.

Um primeiro destaque se refere à concepção tradicional de Ciência, que compreende a realidade a ser estudada, configurada como um mundo estável e ordenado, por isso mesmo previsível, controlável, mensurável, parametrizável e quantificável, passível de experimentação; por sua vez, a experimentação, legitimada por procedimentos matemáticos/estatísticos, protocolos rígidos, daria à Ciência tradicional sua legitimidade, neutralidade e inquestionabilidade. Nesse caso, a 'desordem' encontrada na realidade é considerada 'fora do padrão', algo a ser revertido para o padrão ou desconsiderado como objeto da Ciência.

O que Morin destaca e aqui retomamos é que

"a 'scienza nuova' não destrói as alternativas clássicas, e não traz uma solução monista, que seria como a essência da verdade. Mas os termos alternativos tornam-se antagônicos, contraditórios e complementares ao mesmo tempo no seio de uma visão mais ampla, que vai ter de encontrar e enfrentar novas alternativas" (2008, 78).

Assim, ao analisar os princípios e características da Ciência tradicional, denominada como Paradigma da Simplificação, sua crítica se volta ao reducionismo quantitativista como único critério de verdade, como espelho da realidade e explicação última sobre a complexidade do real.

Ao contrário, o autor insiste na concepção de um mundo em que convivem ordem, desordem, aspectos previsíveis, aspectos imprevisíveis, aspectos quantificáveis ao lado de aspectos não quantificáveis; lembrando que

"a imaginação, a iluminação, a criação, sem as quais o progresso das Ciências não teria

sido possível, só entravam na Ciência às escondidas: não eram logicamente assinaláveis e eram sempre epistemologicamente condenáveis" (2008, 81).

Nesse sentido, para compreender o Paradigma da Complexidade é preciso entender essa dimensão histórica da transição, que ocorre no próprio interior da Ciência, em especial a partir das primeiras décadas do século XX, momento em que teorias da Física, da Matemática e da Biologia trazem novas concepções sobre a organização do universo e sobre a evolução biológica, respectivamente.

Essas novas concepções evidenciaram a necessidade, também nas Ciências Sociais, de se considerar contradições, multidimensionalidades, incertezas, acasos, diversidades, em permanente diálogo com as descobertas, na perspectiva da Ciência como um processo de conhecimento inacabado, sempre em construção, que reconhece os próprios limites do conhecimento.

Outro aspecto importante para o Paradigma da Complexidade é o reconhecimento da possibilidade de construção do conhecimento tanto de forma disciplinar quanto de forma inter e/ou transdisciplinar.

Assinalando as insuficiências e os limites do conhecimento disciplinar e unidimensional, especializado, como **única** possibilidade de conhecimento e critério de verdade na Ciência tradicional, o autor propõe que o conhecimento pertinente é aquele que reconhece que o ato de interpretação da realidade requer uma visão multidimensional, poliscópica e poliocular do real: *"o parcelamento e a compartimentalização dos saberes impedem apreender o que está tecido junto"* é uma das afirmações mais conhecidas do autor (2000, 45).

No entanto, apontar os limites do conhecimento disciplinar e da lógica não significa que o pensamento complexo, que está sendo construído, busca eliminar ou substituir um paradigma por outro, como bem colocam Morin e Le Moigne:

"...o pensamento complexo não é absolutamente um pensamento que elimina a certeza pela incerteza, que elimina a separação pela inseparabilidade, que

elimina a lógica para permitir todas as transgressões. A caminhada consiste, ao contrário, em fazer um ir e vir incessante entre as certezas e as incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável. Do mesmo modo, ela utiliza a lógica clássica e os princípios da identidade, de não contradição, de dedução, de indução, mas conhece seus limites, e sabe que, em alguns casos, é preciso transgredi-los. **Não se trata pois, de abandonar os princípios de ordem, de separabilidade e de lógica, mas integrá-los numa concepção mais rica**" (2000, 212) (grifos nossos).

Em um de seus textos clássicos (1ª. edição em 1981) - *Para Sair do Século XX*, Morin se manifesta sobre o conhecimento simplificador, reducionista, que não reconhece seus próprios limites e, por consequência, torna o conhecimento disciplinar fechado, muitas vezes sem um trânsito entre disciplinas de uma mesma área, impermeável e resistente à troca com outros saberes. Vejamos:

"Ver, perceber, conceber, pensar, são interdependentes, são termos inseparáveis. Tanto é preciso pensar para ver, como ver para pensar. Perceber permite conceber e conceber permite perceber. Pensar permite conceber e conceber permite pensar. Cada um destes termos tem sua própria carência, sua própria falta, seu próprio limite. O olho da rã não vê a forma de sua presa, a mosca, mas percebe o movimento de seu vôo. Parece que certos olhares só percebem a forma e outros só o movimento. E nós, o que vemos? O que é que nos escapa? Não deveremos então fazer com que nossos olhares se comuniquem, dialoguem?... precisamos multiplicar nossos pontos de vista e as escalas para chegar a uma visão poliscópica. Mesmo assim, precisamos de comunicação e de diálogo com olhares diferentes dos nossos. De modo geral, precisamos de uma visão poliocular" (p. 167).

Nessa perspectiva, o autor afirma a necessidade do reconhecimento de que o ato de interpretação, de grande importância na pesquisa qualitativa, requer uma visão multidimensional do real, bem como o diálogo - *um ir e vir* - entre saberes de diferentes áreas do conhecimento, o que requer, também, nova compreensão do papel

do sujeito no processo de conhecimento; na pesquisa quantitativa entende-se o papel do sujeito como neutro, lógico, capaz de delimitar todas as categorias de análise *a priori* e na pesquisa qualitativa entende-se o sujeito como parte integrante do processo de conhecimento, que atribui significado (interpreta) aos achados, sendo as categorias de análise decorrentes das informações obtidas.

Questionando o princípio de isolamento do objeto do conhecimento de seu contexto e a ênfase dada pelo Paradigma da Simplificação à separação sujeito-objeto, Morin insiste na importância do reconhecimento do objeto de conhecimento como **parte do contexto**, insistindo também na unidade sujeito-objeto e na impossibilidade de neutralidade do sujeito frente ao objeto de estudo.

A contextualização do objeto de conhecimento passa a ser então uma das ideias mais caras ao pensamento complexo e ao conhecimento pertinente, como afirma o autor:

"O conhecimento só pode ser pertinente se ele situar seu objeto no contexto e, se possível no sistema global do qual faz parte, se ele cria uma forma incessante que separa e reúne, analisa e sintetiza, abstrai e reinsere no concreto" (Morin e Le Moigne, 2000, 91).


Ou ainda:

"O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto **para que adquiram sentido**" (Morin, 2000,36) (grifos nossos).

O desdobramento dessas considerações permite visualizarmos os principais objetivos que orientam a pesquisa qualitativa, em contraposição aos objetivos da pesquisa quantitativa. No entanto, é preciso insistir que são objetivos que não se excluem, ou melhor dizendo, na pesquisa qualitativa dados quantitativos podem vir a ser complementares, ou mesmo fundamentais para se compreender o objeto em estudo, e vice-versa, desde que sejam teoricamente contextualizados e não absolutizados.

Pretendemos, com o quadro a seguir, assinalar os diferentes objetivos que caracterizam cada vertente da pesquisa:

ESPECIFICIDADE DOS OBJETIVOS NA PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA:

PESQUISA QUANTITATIVA	PESQUISA QUALITATIVA
BUSCA DA ORDEM DA REGULARIDADE DO PADRÃO	BUSCA DO SENTIDO DO SIGNIFICADO DE RELEVÂNCIA
BUSCA DA OBJETIVIDADE <ul style="list-style-type: none"> ■ NA MENSURAÇÃO ■ NA CLASSIFICAÇÃO ■ NA PREVISÃO ■ NA VERIFICAÇÃO 	BUSCA DA CONFIRMABILIDADE <ul style="list-style-type: none"> ■ FIDEDIGNIDADE (FONTES CONSIDERADAS CIENTIFICAMENTE VÁLIDAS) ■ FIABILIDADE (INDEPENDÊNCIA DE ANÁLISES MERAMENTE IDEOLÓGICAS DO PESQUISADOR)
BUSCA DA FIDEDIGNIDADE <ul style="list-style-type: none"> ■ ÊNFASE NA PRECISÃO DOS INSTRUMENTOS DE MEDIDA/PROCEDIMENTOS ■ AMOSTRAGEM 	BUSCA DA CONSISTÊNCIA <ul style="list-style-type: none"> ■ ATENÇÃO ÀS VARIAÇÕES DECORRENTES DE FALHAS DE OBSERVAÇÃO OU MUDANÇAS NO OBJETO ESTUDADO
CRITÉRIOS DE VERDADE <ul style="list-style-type: none"> ■ VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES: EXPERIMENTAÇÃO ■ ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES CAUSAIS ENTRE CONJUNTOS HOMOGÊNEOS DE FATOS (RELAÇÕES CONSTANTES) ■ ESTABELECIMENTO DE LEIS GERAIS 	CRITÉRIOS DE CREDIBILIDADE <ul style="list-style-type: none"> ■ HIPÓTESE: QUESTIONAMENTO ABERTO ■ TEMPO DE PERMANÊNCIA NO CAMPO ■ QUESTIONAMENTO POR PARES ■ "TRIANGULAÇÃO" (DE FONTES, DE MÉTODOS) ■ ANÁLISE DE HIPÓTESES ALTERNATIVAS
GENERALIZAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> ■ TEORIAS EXPLICATIVAS QUE POSSAM SER UNIVERSALMENTE RECONHECIDAS 	EXEMPLARIDADE COMPARABILIDADE  <ul style="list-style-type: none"> ■ QUESTÃO RECORRENTE E POLÊMICA "CADA CASO É UM CASO" "CADA ESTUDO É UM ESTUDO"

Outra questão importante trazida por Morin se configura no entendimento do autor sobre a diferença entre Método e Metodologias, que assume aqui uma relevância especial, já que uma aproximação como a que pretendemos deve levar em conta procedimentos para a interpretação dos achados na pesquisa qualitativa. Como afirma o autor no volume 3 do Método (O Conhecimento do Conhecimento) à página 39:

"Deve-se lembrar aqui que a palavra 'Método' não significa de jeito nenhum 'metodologia'? As metodologias são guias *a priori* que programam as pesquisas, enquanto que o Método derivado de nosso percurso será uma ajuda à estratégia (a qual compreenderá utilmente, certos segmentos programados, isto é, metodologias, mas comportará necessariamente descoberta e inovação). O objetivo do Método aqui é

ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas"

Esse entendimento é também pontuado em *Ciência com Consciência* (p.337), obra já clássica do autor, quando discute Teoria e Método, afirmando que "*o método é a atividade pensante do sujeito*".

É nessa perspectiva que consideramos as especificidades dos objetivos da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa acima apontados, como objetivos que devem ser adequados ao objeto de pesquisa, sem que configurem uma "camisa de força" ou, no outro extremo, um "amálgama" de procedimentos não contextualizados.

Em consonância com a abordagem de Morin, este é um aspecto importante do processo de pesquisa que pontuamos há longo tempo,

desde a 1ª edição (1996) de *Metodologia da Pesquisa*, quando afirmamos que

“embora, historicamente, à medida que foram se legitimando e consolidando os procedimentos qualitativos nas Ciências Humanas, tenha se estabelecido certo preconceito com relação às análises quantitativas, não se pode excluí-las do horizonte do pesquisador, como se em todas as atividades de investigação tivéssemos que optar – ou pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa” (Pádua, 2014, 36).

Hoje, cremos que esse debate já esteja superado, pelo próprio reconhecimento que, a depender dos objetivos, uma pesquisa pode ser quali-quantitativa, como afirmado recentemente pela Resolução nº 466 (DOU, 13/06/2013), que estabelece as *Diretrizes e Normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos*, quando em seu capítulo VIII propõe no item “e”:

“utilizar métodos adequados para responder às questões estudadas, especificando-os, seja a pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa”.

Portanto, os destaques acima apontados nos levam a (re)pensar as possíveis aproximações entre os princípios do Paradigma da Complexidade e a pesquisa qualitativa.

2. Complexidade e Pesquisa Qualitativa: aproximações

Quando levamos em consideração que nos processos voltados ao conhecimento de dada realidade há possibilidade de constatarmos diferenças significativas entre as atividades de pesquisa desenvolvidas a partir da visão do Paradigma da Simplificação e do Paradigma da Complexidade, é preciso clarearmos quais objetivos orientam esses processos sob a ótica de cada Paradigma.

Assim, na pesquisa de caráter quantitativo, a busca da objetividade está pautada pela

mensuração, pela verificação e classificação de dados, pela possibilidade de previsão advinda dos instrumentos de medida e dos procedimentos considerados científicos - ênfase na busca da ordem, das regularidades, dos padrões, que são definidos *a priori*, de forma independente do contexto histórico-sociológico. Tendo por objetivo o estabelecimento de leis gerais, a pesquisa que se realiza no âmbito do Paradigma da Simplificação, por meio da experimentação e demais critérios acima mencionados, busca estabelecer teorias explicativas que possam ser universalmente reconhecidas.

Por outro lado, no âmbito do Paradigma da Complexidade, a pesquisa qualitativa tem como objetivo a busca do **sentido**, do **significado** e da **relevância** dos dados, advindos da interpretação dos processos, da observação e do registro dos achados; importante pontuar que, nessa perspectiva os dados são, efetivamente, construídos em campo, com a participação do pesquisador e dos participantes, possibilitando o desvelamento de conflitos, de contradições, de diferentes visões de mundo que, de fato, constituem a multidimensionalidade do real.

Esse entendimento reafirma a ideia de Morin de que a construção do conhecimento pertinente envolve objetividade, subjetividade(s) e intersubjetividade(s): de fato, quando pensamos em pesquisa qualitativa e a consideramos no campo do simbolismo, além da objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade se tornam importantes para a compreensão do significado das ações humanas em seus diferentes contextos históricos.

Ao lidar com o cotidiano dos participantes e, portanto, em contextos bem definidos, a interpretação resultante propicia a compreensão daquele contexto, sem a pretensão da generalização almejada pelo Paradigma da Simplificação, mas entendendo que informações qualitativas podem gerar comparabilidade com situações semelhantes e/ou auxiliar possíveis intervenções naquele contexto estudado; esta, a nosso ver, é uma das possibilidades de aproximação da pesquisa qualitativa com o Paradigma da Complexidade.

Na pesquisa qualitativa é necessário reconhecer que o conhecimento de dada realidade, embora contextualizado, será aproximativo, tendo em vista a realidade e a própria complexidade dos processos de conhecimento. Além desse aspecto, é preciso considerar na pesquisa qualitativa:

- a dinâmica e a complexidade dos processos e representações sociais;
- a influência de crenças e valores dos participantes sobre a teoria e a interpretação dos achados;
- a necessidade de abordagens multi e interdisciplinares que resultem em ações/propostas coordenadas de diferentes setores que perpassam transversalmente a sociedade e as comunidades e/ou instituições objeto da pesquisa qualitativa: economia, política, cultura, ambiente, saúde, diferentes territórios, entre outros, que constituem macro contextos/múltiplos contextos que devem ser considerados na contextualização e interpretação dos achados.

3. Elementos para interpretação: estratégias e procedimentos de análise

Tratando agora das dimensões da compreensão e da interpretação no âmbito da pesquisa qualitativa, que dimensões deveremos considerar, na prática, para apreender o significado e a relevância dos achados advindos do contexto estudado, ou de um determinado aspecto do contexto tomado como objeto de estudo? Como compreender “*o que está tecido junto*”? Na prática, como trabalhar/interpretar os achados?

A nosso ver, a construção de quadros de referência para compreensão e análise dos achados e sua intercomunicação e relação são fundamentais para que a pesquisa qualitativa ganhe consistência, credibilidade e confirmabilidade científicas.

Para tanto, buscamos uma aproximação com o conceito de estratégia proposto por Morin, que indica as diferenças entre programa e

estratégia, quando se trata de compreender dada realidade e, sobretudo, atuar para modificá-la, uma das possibilidades da pesquisa qualitativa.

Como destaca o autor:

“É necessário estabelecer a diferença entre programa e estratégia; penso que ali está a diferença entre pensamento simplificador e pensamento complexo; um programa é uma sequência de atos decididos *a priori* que devem começar a funcionar um após o outro, sem variar. Certamente, um programa funciona muito bem quando as condições circundantes não se modificam e, sobretudo, quando não são perturbadas. A estratégia é um cenário de ação que se pode modificar em função das informações, dos acontecimentos, dos imprevistos que sobrevenham no curso da ação. Dito de outro modo: a estratégia é a arte de trabalhar com a incerteza. A estratégia de ação é a arte de atuar na incerteza” (1996, 284).

A nosso ver, ainda que não se possa teoricamente estabelecer uma correspondência entre esses conceitos de Morin e os conceitos *stricto sensu* da pesquisa qualitativa, quer sejam as descritivas, as avaliativas ou as interventivas, observamos que um programa rígido, com etapas fechadas a serem cumpridas se aproxima mais do viés quantitativo da pesquisa, sendo que a estratégia, considerando incertezas, informações e acontecimentos imprevistos e os incorporando/considerando na compreensão e interpretação de dada realidade, se aproxima da dimensão qualitativa da pesquisa.

Nessa perspectiva, no que se refere à interpretação e procedimentos de análise qualitativa, propomos o entrelaçamento das seguintes dimensões:

- o quadro de referência simbólico e teórico;
- o quadro de referência concreto;
- o quadro de referência histórico e teórico.

Por **quadro de referência simbólico e teórico** entendemos o registro detalhado dos processos e “produtos” centrados nos participantes, pesquisadores e pesquisados, como apontados na síntese a seguir:

PESQUISADOR	POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • DADOS DE ENTREVISTAS, QUESTIONÁRIOS, OBSERVAÇÕES SISTEMÁTICAS, DIÁRIOS DE PESQUISA, CADERNO DE CAMPO, OUTROS... <p style="text-align: center;">PARTICIPANTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • DIÁRIOS, PORTFÓLIOS, DEPOIMENTOS, CARTAS, FOTOS, OUTROS... 	<ul style="list-style-type: none"> • DESTACAR ACHADOS QUE, DE ALGUMA FORMA, SE RELACIONAM COM A TEORIA. • AGRUPAR RESPOSTAS POR ESPECIFICIDADES DOS RESPONDENTES. • AGRUPAR POR REPRESENTATIVIDADE DAS FALAS. • IDENTIFICAR OS PONTOS DE CONVERGÊNCIA, DE DIVERGÊNCIA, TENDÊNCIAS. • AGRUPAR PROPOSTAS DE SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DETECTADOS. <p>QUADRO REFERENCIAL PARA ANÁLISE A PARTIR DAS QUESTÕES GERADORAS.</p>

A investigação dos marcos legais, dos materiais para pesquisa já existentes, dos documentos dos participantes, é parte

integrante do **quadro de referência concreto**, que podemos sintetizar como segue:

PESQUISADOR	POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • INSTRUMENTOS LEGAIS: LEIS, DECRETOS, PARECERES, REGIMENTOS, OUTROS... • REFERÊNCIAS OFICIAIS: DADOS ESTATÍSTICOS (IBGE), DADOS EPIDEMIOLÓGICOS (OMS), OUTROS... • REGISTROS OFICIAIS: PRONTUÁRIOS, FOTOS, MAPAS. 	<p>ANÁLISE QUE POSSIBILITE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • IDENTIFICAÇÃO DE LACUNAS, CONTRADIÇÕES. • CONFIRMAÇÃO OU NÃO DE DADOS DOS PARTICIPANTES • CONTRAPOSIÇÃO DOS DADOS DOS PARTICIPANTES. • PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE ESTRUTURAS E ATORES SOCIAIS

O **quadro de referência histórico e teórico** indica os processos e “produtos” do contexto mais

amplo ou macrocontexto, que traz inúmeras possibilidades de compreensão do objeto em contexto.

PESQUISADOR	POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • INSTITUIÇÕES; • ESTRUTURAS SOCIOECONÔMICAS; • QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO; • ETNIAS E DIFERENÇAS CULTURAIS; • RELAÇÕES ENTRE OS CONTEXTOS MACRO E MICRO-CULTURAIS; • PERFIL E COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS / COMUNIDADES PESQUISADAS; • TERRITÓRIO(S) LOCALIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE, EQUIPAMENTOS DE SAÚDE, SANEAMENTO, OUTROS... 	<ul style="list-style-type: none"> • ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL MAIS AMPLA QUE POSSIBILITE CONTEXTUALIZAR OS ACHADOS DA PESQUISA: <ol style="list-style-type: none"> 1. COM RELAÇÃO AO QUADRO TEÓRICO; 2. COM RELAÇÃO AOS PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS: VISÃO DE MUNDO DOS PARTICIPANTES (PESQUISADOR E PESQUISADOS)

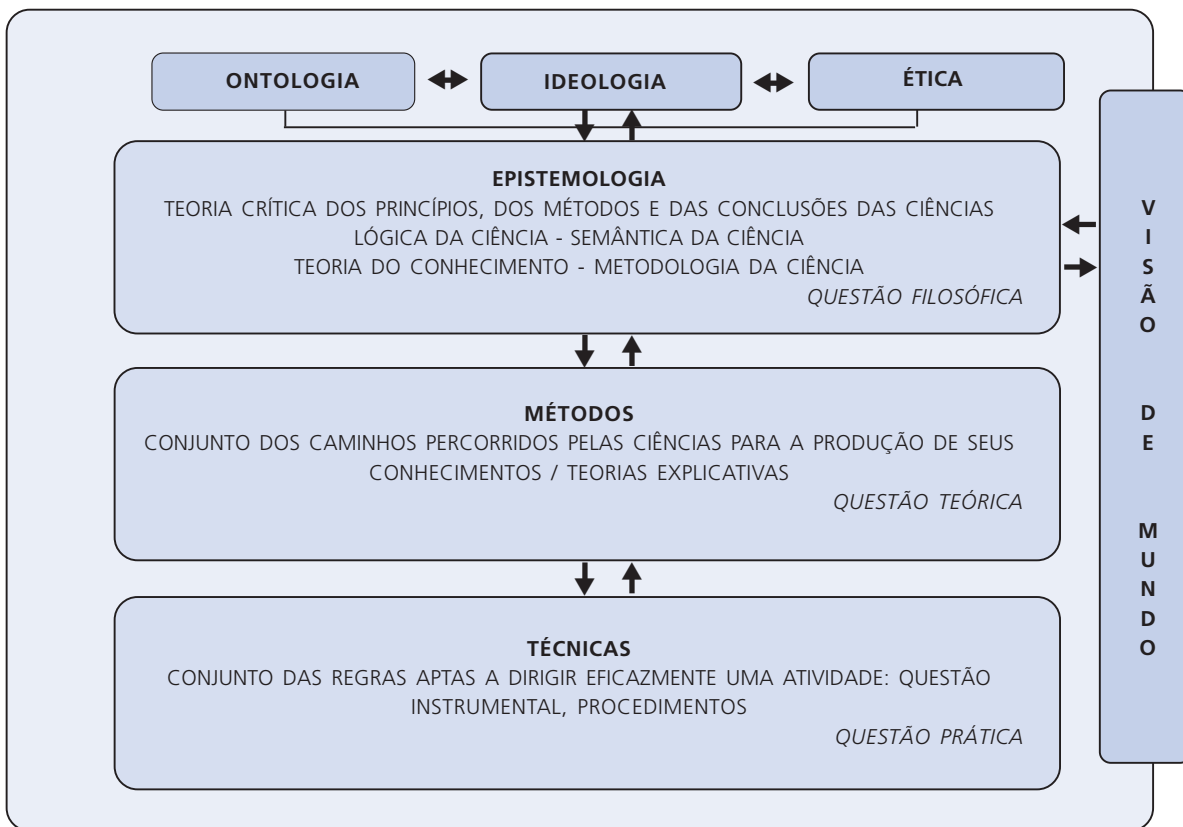
A organização dos quadros de referência possibilita articular as dimensões acima apontadas, permitindo que a inovação, a criação e a arte integrem os diferentes olhares e saberes advindos do processo de pesquisa, sempre lembrando o alerta que Morin nos traz que, pelas contradições encontradas na realidade e pela interpretação que revela a visão de mundo de cada pesquisador, se transforma em desafio cotidiano:

“Em todo pensamento, em toda investigação há sempre o perigo da simplificação, de nivelamento, de rigidez, de moleza, de

enclausuramento, de esclerose, de não retroação; há sempre necessidade, reciprocamente, **de estratégia, reflexão, arte**” (2002, 339) (grifos nossos).

Com relação à visão de mundo que nos orienta desde a escolha do objeto de pesquisa, perpassando todo o processo de investigação, retomamos aqui o quadro que sintetiza nossa visão integrada das principais dimensões que, em permanente movimento e articulação, caracterizam a produção de conhecimento nas diferentes áreas (Pádua 2014, 31-35):

PESQUISA: VISÃO INTEGRADA DAS PRINCIPAIS DIMENSÕES DO PROCESSO



Considerar a permanente articulação dessas dimensões como intrínsecas à visão de mundo do sujeito tem sido um dos aspectos mais discutidos por Morin, quando, em diferentes momentos de sua obra, trata da transição paradigmática, como exemplificado a seguir:

“O que afeta um paradigma, quer dizer, a pedra angular de qualquer sistema de pensamento, afeta simultaneamente a ontologia, a metodologia, a epistemologia, a lógica e, conseqüentemente, a prática, a sociedade e a política” (2008, 80).

Como abordamos anteriormente,

“essa visão de mundo, que vai sendo construída no nosso cotidiano, constitui-se em uma percepção global sobre a realidade, permitindo-nos apreender/compreender sua complexidade. Nessa visão, vão se integrando elementos do plano teórico – políticos, ideológicos, sociológicos, éticos – que, historicamente, vão formando essa compreensão mais ampla. Nem sempre temos condições de explicitá-la, ou temos plena consciência de nossa visão de mundo, mas ela se coloca como uma categoria mais abrangente que, sem dúvida, interfere em nossa opção pelo próprio objeto de pesquisa... (Pádua, 2014, 34).

Sobre a mesma questão, vale a pena trazer a reflexão de Maria Cândida Moraes e Saturnino de La Torre (2006), ao tratarem da pesquisa a partir do pensamento complexo:

“Dependendo dos referenciais utilizados, sabemos que todo paradigma tem implicações ontológicas, epistemológicas e metodológicas importantes, que explicam sobre o funcionamento da realidade e do que é cognoscível... cada paradigma nos permite fazer uma leitura do que é conhecimento, a partir de diferentes enfoques, mesmo o conhecimento do senso comum”.

Esse aspecto nos parece de extrema importância para a pesquisa qualitativa, uma vez que, cremos nós, ao interpretar os achados da pesquisa, o pesquisador “filtra” o sentido, o significado e a relevância dos dados segundo sua visão de mundo; daí a importância dos quadros de referência acima citados, para que a interpretação possa ser construída de forma a possibilitar a confirmabilidade e credibilidade dos dados.

Considerações aproximativas

“O Paradigma da Complexidade não “produz” nem “determina” a inteligibilidade. Pode somente incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a consi-

derar a complexidade da questão estudada. Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-lo pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada”.

Edgar Morin, 2002, 334.

Ao destacarmos algumas dimensões que caracterizam a transição do Paradigma da Simplificação ao Paradigma da Complexidade, segundo a visão de Edgar Morin, consideramos a Ciência como um processo de conhecimento sempre em construção, histórico e socialmente contextualizado.

Considerando as dimensões da transição acima apontadas, bem como os objetivos da pesquisa qualitativa e os quadros de referência que elaboramos para interpretação das informações, identificamos as seguintes aproximações com os princípios do Paradigma da Complexidade:

- a **multidimensionalidade** - já que a pesquisa qualitativa deve considerar as múltiplas dimensões do contexto a ser analisado;
- a **imprevisibilidade** - uma vez que, desde o desenho inicial da pesquisa qualitativa, deve-se considerar que aspectos imprevisíveis demandarão novas estratégias metodológicas para compreensão da realidade a ser estudada;
- a **inter e transdisciplinaridade** - de fundamental importância na pesquisa qualitativa, que, ao lidar com as múltiplas dimensões do contexto, deve reconhecer que o conhecimento pertinente daquele contexto requer um trânsito entre saberes disciplinares, multi, inter e transdisciplinares, que contribuam para a compreensão ampliada do objeto de estudo;

- a **contextualização - transversal** a todo o processo da pesquisa qualitativa, já que é necessário na interpretação e análise situar as informações em seu contexto, para que adquiram o **sentido**, o **significado** e a **relevância** que caracterizam a pesquisa qualitativa.

Finalizando, resgatamos importante afirmação de Morin sobre a transição paradigmática:

“O Paradigma da Simplificação (disjunção e redução) domina a nossa cultura atualmente e é atualmente que começa a reação contra a sua empresa. Mas não se pode tirar, eu não posso tirar, nem pretendo tirar do meu bolso um Paradigma da Complexidade... O Paradigma da Complexidade surgirá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões, que vão conciliar-se e juntar-se” (2008, 112).

Nessa perspectiva, entendemos que a pesquisa qualitativa, em suas aproximações com os princípios do Paradigma da Complexidade, pode contribuir para uma compreensão contextualizada, mais rica e ampliada da realidade estudada, ao mesmo tempo em que possibilita sinalizar possíveis intervenções/transformações no contexto sócio-histórico em que se desenvolve. É, portanto, uma tarefa de todos que a ela se dedicam, uma tarefa de todos nós.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, 12/12/2012 – DOU nº12, 13/06/2013, seção 1, p.59.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Informação Qualitativa**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- MINAYO, M. C. e SANCHES, O. Quantitativo Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 9 (3) 239 – 262, Jul./Set. 1993.
- MORAES, Maria Cândida e LATORRE, Saturnino de. Pesquisando a Partir do Pensamento Complexo – Elementos para uma Metodologia de Desenvolvimento Ecosystemico. **Educação**. Porto Alegre. RS, ano XXIX, N.1, (58), 145-172, Jan/Abr 2006.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5ª ed. Lisboa, PT. Instituto Piaget. 2008.
- _____. **Os 7 Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez / Brasília = UNESCO, 2000.
- _____. Os 7 Saberes Necessários à Educação do Presente in **Os 7 Saberes Necessários à Educação do Presente: por uma educação transformadora**. Moraes, Maria Cândida, e Almeida, Maria da Conceição (orgs) Rio de Janeiro, Wak Editora, 2012, 33-45.
- _____. **Ciência com Consciência**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- _____. **Para Sair do Século XX**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PÁDUA, E. M. M. de. **Pesquisa e Complexidade: estratégias metodológicas multidimensionais**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 2009.